

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ EM CONVÊNIO COM A SECRETARIA
MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO/CEAD DE PONTAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL/INCLUSÃO**

ANA MARIA SCHIMURE ROBAZZA

**O PAPEL DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NA ESCOLA COM PORTADORES
DE NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS E TDAH**

**PONTAL DO PARANÁ
OUTUBRO/2004**

ANA MARIA SCHIMURE ROBAZZA

**O PAPEL DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NA ESCOLA COM PORTADORES
DE NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS E TDAH**

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Inclusão / Educação Especial da Universidade Federal do Paraná em convênio com a Secretaria Municipal da Educação/SEAD de Pontal do Paraná

Orientadora: Prof^a Mestre Marcia Ramos de Sá Guimarães

**PONTAL DO PARANÁ
OUTUBRO/2004**

*Era uma vez um menino maluquinho
Ele tinha o olho maior que a barriga,
tinha fogo no rabo,
tinha vento nos pés,
umas pernas enormes,
(que davam para abraçar o mundo)
e macaquinhos no sótão
(embora nem soubesse o que significava macaquinhos no sótão).
Ele era um menino impossível!
A melhor coisa do mundo
na casa do menino maluquinho
era quando ele voltava da escola
A pasta e os livros chegavam sempre primeiro voando na frente
Um dia no fim de ano
o menino maluquinho chegou em casa com uma bomba:
"Mamãe, tou aí com uma bomba!"
"Meu neto é um subversivo!" gritou o avô.
"Ele vai matar o gato!" gritou a avó.
"Tira esse negócio daí!" falou - de novo - a babá.
Mas aí o menino explicou:
"A bomba já explodiu, gente.
Lá no colégio."
"Esse menino é maluquinho!" falou o pai, aliviado.
E foi conferir o boletim*

ZIRALDO – O MENINO MALUQUINHO

RESUMO

No presente estudo será analisada a função do orientador educacional na escola comum, iniciando este trabalho com o estudo da hiperatividade ou Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH, o diagnóstico, sintomas, tratamento, influência deste transtorno no comportamento do aluno na sala de aula, a importância do diagnóstico precoce e do desenvolvimento da capacidade de auto-controle e conhecimento para que o aluno tenha maiores condições de se conscientizar sobre a razão de agir com impaciência, desatento, agitado, hiperativo, desorganizado, etc. Os termos integração e inclusão serão comparados e analisada a sua diferença e semelhança, aplicabilidade e utilidade. Em seguida será analisada a profissão do orientador, que tanto pode auxiliar o aluno com suas dificuldades e adaptação escolar, quanto o professor que também possui dificuldades, por exemplo, em ensinar para o aluno diagnosticado com TDAH, demonstrando como este orientador poderá auxiliar o professor para que as dificuldades sejam superadas, ainda através da união de esforços entre professor, orientador, pedagogo, diretor, pais e alunos este processo de inclusão poderá ser mais tranquilo. Os direitos dos portadores de necessidades educacionais especiais serão analisados brevemente, comentando a aplicabilidade destas leis na realidade das escolas públicas regulares. As novas tecnologias podem trazer benefícios para o desenvolvimento do aluno com NEE e TDAH, pois trarão novas formas de ensino, participação e interação dos alunos entre si e dos alunos com os professores e vice e versa.

Palavras-chave: Educação Especial; Necessidades Educacionais Especiais; Orientador Educacional; Hiperatividade.

SUMÁRIO

RESUMO.....	iii
1 INTRODUÇÃO.....	1
2 ALUNO HIPERATIVO.....	6
3 INTEGRAÇÃO E INCLUSÃO.....	10
4 ORIENTADOR.....	13
5 AUXÍLIO DO ORIENTADOR AO PROFESSOR.....	17
6 UNIÃO DE ESFORÇOS.....	19
7 DIREITO DOS PORTADORES DE NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS.....	22
8 NOVAS TECNOLOGIAS E SUA IMPORTANCIA PARA O ALUNO COM NEE..	25
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional estipula que preferencialmente crianças comuns e as portadoras de necessidades educacionais especiais – NEE devem estudar juntas na escola regular.

O modelo de escola regular atual não inclui o aluno portador de necessidades educacionais especiais, cabendo à escola, professores, dirigentes, pedagogos e orientadores a tarefa de elaborar planos e estudos para que seja efetivada a inclusão, destes alunos portadores de NEE e alunos diagnosticados com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH, com os outros alunos e no ambiente escolar.

A união de esforços de todos os profissionais envolvidos pode aumentar as chances da inclusão escolar ser satisfatória, para tanto será estudado o papel do orientador nas escolas regulares que tenham portadores de necessidades educacionais especiais e alunos com TDAH.

A hiperatividade será conceituada e suas características analisadas a fim de entender o aluno portador de TDAH no contexto escolar, suas dificuldades, anseios, expectativas e visão do professor e do orientador quanto seu aprendizado e quais os problemas enfrentados.

A presente pesquisa enfatizará a situação do orientador frente os alunos com diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH nas escolas regulares e a dificuldade na sua inclusão nesta escola e a importância do orientador neste processo inclusivo.

Verifica-se que nas escolas regulares existem alunos com diagnóstico de hiperatividade, estes alunos geralmente possuem alguma dificuldade no aprendizado, pois não conseguem manter sua atenção num mesmo foco por muito tempo, não conseguem ficar em silêncio e parados e sentem necessidade de estar sempre em movimento e fazendo diversas tarefas ao mesmo tempo. Estas características tornam o ensino, como hoje é visto nas escolas comuns mais difícil, pois não são aplicados novos projetos de ensino para estas crianças com necessidades educacionais especiais.

Também serão diferenciados e comparados os termos inclusão e integração, conceituando-os e verificando sua aplicação nas escolas regulares, explicando ainda a possibilidade de se utilizar estes dois conceitos para que o aluno portador de NEE e de TDAH participe da escola, seja aceito com suas características próprias.

O orientador é um profissional responsável pelo auxílio aos professores e demais profissionais que trabalham na escola, portanto também é sua responsabilidade auxiliar a inclusão dos alunos diagnosticados com TDAH na escola comum, estudar as dificuldades destes alunos, auxiliar a equipe pedagógica a elaborar um plano de aula ou um projeto de inclusão, ajudando também o professor que muitas vezes se sente inseguro frente as características da hiperatividade, como agitação constante e falta de concentração, distraindo todos os alunos e também o professor.

A escola terá de adaptar-se a todas as crianças, ou melhor, à variedade humana. Como instituição social, não poderá continuar a agir no sentido inverso, rejeitando, escorraçando ou segregando 'aqueles que não aprendem como os outros', sob pena de negar a si própria. Não se pode continuar a defender que tem de ser a criança a adaptar-se às exigências escolares, mas sim o contrário.¹

O que se propõe com este estudo é a união de esforços entre os profissionais do ensino (professores, diretores, pedagogos, orientadores e demais profissionais da educação), pais e educandos, tal união possibilitará que estes profissionais, que muitas vezes por causa de uma formação ineficiente ou que não tenha abordado a questão das NEE e da hiperatividade, torne este educador temeroso em lidar com estes alunos, tenha preconceitos e é fundamental para o sucesso da inclusão do aluno portador de NEE e TDAH que as pessoas envolvidas tenham consciência de sua importância e do papel que desempenham para sua formação não apenas educacional mas também como ser humano participante da sociedade.

Outro aspecto a ser estudado é a aplicação da legislação vigente concernente a educação inclusiva para alunos portadores de NEE, dentre estas legislações estão: a Declaração de Salamanca que preconiza que todas as pessoas tem o direito de aprenderem juntas, mesmo que possuam diferenças ou dificuldades

¹ FONSECA, Vítor da. **Educação Especial – Programa de estimulação precoce**. Porto Alegre/RS: Artmed Editora S.A., 2002, p. 202.

no aprendizado; a Constituição Federal de 1988; o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA; a Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional e Leis esparsas que regulem o assunto em tela.

Existem diversas legislações sobre a inclusão, os direitos dos portadores de necessidades especiais de freqüentarem a escola comum com as mesmas oportunidades que os outros alunos têm e principalmente com a qualidade de ensino que merecem, mas essas legislações e tratados internacionais são aplicados na escola regular?

O Poder Público fornece à escola os meios necessários para que a inclusão seja possível?

Verifica-se na maioria das escolas regulares a falta de professores capacitados, mesmo para lecionar para alunos com TDAH que não possuem muitas necessidades educacionais especiais, mas de estímulos educacionais, professores motivados e criativos.

O orientador educacional pode ao menos suprir algumas deficiências desta escola, se tiver a formação correta e conhecer outras metodologias de ensino, novas tecnologias e conseguir repassar este conhecimento e experiência ao professor, auxiliando-o nas dificuldades e sugerindo novas abordagens educacionais para a escola.

A escola também está necessitando de equipamentos e materiais didáticos para que os educadores possam lecionar de acordo com as necessidades dos alunos e com a sociedade atual, informatizada, globalizada e competitiva.

Sem novos investimentos na escola ela ficará cada vez mais obsoleta e estagnada, desmotivando tanto os professores quanto os alunos.

Será estudada a importância e efeitos da integração na escola, não apenas entre os alunos com NEE e TDAH e os demais alunos ou entre alunos e professores mas também com os profissionais da escola (professores, orientadores, pedagogos, dirigentes, demais funcionários) e entre estes e os pais dos alunos e a comunidade.

Será identificado qual o papel e objetivos do orientador na escola com alunos portadores de necessidades educacionais especiais, com ênfase no aluno diagnosticado com TDAH.

O presente estudo objetiva identificar as dificuldades que estão ocorrendo nas escolas regulares para a efetiva inclusão de alunos com diagnóstico de TDAH e

elaborar possíveis soluções para estes problemas, principalmente com a participação da equipe pedagógica, orientadores, dirigentes e demais profissionais da escola.

Identificar as dificuldades que o professor enfrenta na educação do aluno diagnosticado com TDAH e quais as dificuldades que poderão ser sanadas com o auxílio do orientador.

A utilização de tecnologias dentro da sala de aula é uma inovação que possibilita o melhor aprendizado, participatividade e troca de experiências entre alunos e professores.

Mas para tanto as escolas devem ser equipadas com computadores, televisores, acesso à internet e programas específicos para educação.

Com os televisores os professores podem passar vídeos sobre alguns temas que serão analisados em sala de aula, elucidando algumas matérias a serem estudadas.

Com os computadores os professores poderão aposentar o “quadro negro” tornando as aulas mais ágeis, com as anotações que seriam feitas no quadro, agora no computador, que seriam mostradas aos alunos através de um telão, com a utilização de figuras, trechos de livros, citações, etc.

Com o computador também é possível que seja realizado um reforço escolar após as aulas, este reforço ocorreria com o uso de determinados programas de computador que ensinam algumas matérias aos alunos passo a passo, por exemplo como fazer determinada operação matemática, a gramática, geografia, história, entre outros, auxiliando o professor com alunos que possuem dificuldades, e também o aluno com TDAH, pois o computador é um novo estímulo e possibilita a interação do aluno.

O computador ainda é muito útil com alunos com necessidades educacionais especiais que possuam deficiência motora ou limitações em escrever, pois com através do teclado e do *mouse* este aluno poderá externar suas opiniões, sentimentos e conhecimentos digitando o que gostaria de escrever mas não consegue por uma limitação motora.

A utilização de novas tecnologias, a cooperação entre os professores, o papel do professor orientador na escola, com os professores e alunos, as dificuldades e sintomas apresentados pelo aluno hiperativo e a cooperação entre os educadores são os temas principais que serão analisados neste trabalho com a

finalidade de possibilitar a inclusão do aluno com NEE e TDAH no ambiente escolar, com a qualidade de ensino.

Os professores encontram algumas dificuldades para lecionar para alunos com diagnóstico de hiperatividade, o orientador pode servir como um auxiliar para a elaboração de novos planos de educação, aulas mais criativas, pedagogias específicas para cada aluno e também ser o elo de ligação entre alunos e professores e entre os próprios professores que nem sempre trocam informações, se reúnem para discutir seus planos de aula e as dificuldades que possuem no dia-a-dia dentro da escola.

2 ALUNO HIPERATIVO

A hiperatividade ou o denominado Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH antigamente era diagnosticado como uma disfunção cerebral, mas nada foi provado, recebendo uma nova denominação de transtorno.

O TDAH não está incluído como uma dificuldade de aprendizagem mesmo que seus portadores possam apresentar alguma dificuldade, mas este problema geralmente ocorre por sua falta de concentração e mobilidade motora constante, assim como o desestímulo rápido por atividades que esteja realizando, como os deveres escolares.

Estes problemas escolares não estão relacionados com baixa inteligência, pois o TDAH não possui relação com a inteligência, geralmente os alunos hiperativos são mais ágeis, espertos e inteligentes, realizando com rapidez os exercícios e raciocinando também com rapidez e clareza.

Entre os comportamentos observados em alunos com TDAH ressalta-se a sua dificuldade em se controlar, em reconhecer e obedecer a regras, a impulsividade na ação ou reação, querem satisfazer imediatamente os seus desejos e se sentem frustradas se não conseguem, são voluntariosos e impacientes.

No ano de 1990 o TDAH foi oficialmente reconhecido pelo Manual de Diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria e em 1984 foi utilizado o termo hiperatividade.

Estatísticas demonstram que em média de 3% a 5% das crianças são portadoras do TDAH, que possui origem genética e está presente em média três vezes mais em meninos do que em meninas, mas essa maior incidência em meninos pode estar relacionada a sua maior agitação e impulsividade do que nas meninas que geralmente apresentam como sintoma a desatenção sem que sejam agitadas o que ocasiona a falta ou retardamento do diagnóstico da hiperatividade para as meninas.

Acreditava-se que eram hiperativas apenas as crianças e que na adolescência, com a mudança de hormônios e o maior controle da agitação e impaciência a hiperatividade seria controlada, mas verifica-se que existem sim adultos hiperativos, este transtorno não desaparece com o tempo, pode ser apenas

controlado com medicamentos ou mesmo com um controle emocional e psicológico do paciente.

Há vinte ou quinze anos não se conhecia a hiperatividade, então alunos que possuíam o transtorno eram considerados como deficientes, indisciplinados, rebeldes, utilizando medicamentos muito fortes para controlar seu comportamento agitado, estas atitudes influenciam na vida adulta deste hiperativo, podendo levá-lo aos vícios (drogas e álcool) pela frustração e trauma psicológico ou a depressão.

Geralmente a hiperatividade é identificada pelo professor, pois seus sintomas são muito característicos e diferem do comportamento geral na sala de aula, os pais podem não identifica-la por atribuírem esse comportamento a agitação normal de uma criança ou indisciplina, mas mesmo que o professor verifique que a criança pode ser portadora de TDAH não deve diagnosticar o transtorno e sim comunicar os pais e instruí-los para que consultem profissionais especializados que possam fazer este diagnóstico.

As características do TDAH podem estar presentes em uma criança que não possui o transtorno por isso a importância da interação entre as pessoas que convivem com ela até mesmo para o diagnóstico da hiperatividade como a troca de informações entre professores, pais, médico e psicólogo que tratam da criança, para que se conheça seu comportamento em todo os ambientes em que vive, no escolar e familiar.

Os sintomas do TDAH geralmente se manifestam desde os primeiros anos de vida da criança, como a irritabilidade, movimentação constante, desestímulo constante, impaciência, dificuldade com regras, frustração por não conseguir o que quer imediatamente, é voluntariosa.

Estes sintomas tornam-se mais perceptíveis com a convivência com outras pessoas, como professores e alunos, pois suas características o diferenciarão dos demais alunos, quando não conseguir ficar sentado na sala de aula, quiser falar constantemente, preferir brincar a assistir a aula, se entediar com a explicação do professor, terminar rapidamente os exercícios propostos em aula para poder brincar logo, não terminar as lições de casa por falta de concentração e paciência para ficar muito tempo para resolvê-las, errando os exercícios pela desatenção até mesmo ao ler e interpretar uma pergunta, respondendo antes mesmo que o professor a conclua, não medem a consequência de seus atos, agem por impulsividade, parecendo até mesmo desajeitadas por não perceberem os objetos que estão ao

seu redor, entre outros inúmeros comportamentos e dificuldades que são observados nos alunos hiperativos.

Outros sintomas podem estar combinados com a hiperatividade, desatenção e impulsividade dos portadores de TDAH, como a depressão e a baixa auto-estima em decorrência do preconceito, destas crianças não conseguem atingir as expectativas dos pais e dos professores, de se sentirem frustradas e incapazes, dos pais cobrarem delas uma disciplina e comportamento que não conseguem atingir.

Vários são os casos conhecidos de pessoas que tornaram-se ícones em suas áreas de atuação, sendo portadores do TDAH: Steven Spielberg, Thomas Edson, Einstein, Leonardo da Vinci, Walt Disney, John Lennon, Louis Pasteur, Darcy Ribeiro, Ziraldo e seu personagem “Menino Maluquinho”.(Apostila estudantes de Psicologia – FURB – Universidade Regional de Blumenau, 2000).

Portanto a hiperatividade não é sinônimo de fracasso e preguiça, ela pode e deve ser utilizada a favor das aptidões e talentos da criança para que no futuro possa encontrar uma profissão que estimule sua atenção e criatividade e lhe satisfaça.

Verifica-se que os sintomas da hiperatividade encontram-se em histórias infantis, como na história do Menino Maluquinho de Ziraldo, que retrata um menino que é chamado de maluquinho pelo seu jeito agitado e gostar de brincar e não estudar de estar sempre “aprontando” deixando seus pais e avós apreensivos com qual maluquice este menino aparecerá desta vez, mas mesmo ele sendo agitado é querido pela família e amigos.

E se escalavrava
nos paralelepípedos
e rasgava os fundilhos
no arame da cerca
e tinha tanto esparadrapo
nas canelas
e nos cotovelos
e tanta bandagem
na volta das férias
que todo ano ganhava
dos colegas
no colégio
o apelido de Múmia²

² ZIRALDO. **O Menino Maluquinho**. Disponível em <http://www.omeninomaluquinho.com.br/online/>
Acesso em 19.10.04.

Muitas vezes o aluno hiperativo é chamado de “estabanado” até mesmo pelo seu jeito mais agitado que faz com que ele não preste atenção nos objetos a sua volta e freqüentemente quebre coisas e se machuque, mas mesmo sendo “maluquinho” tem seu lugar na escola, na família, na sociedade e no mercado de trabalho, sendo necessário o auto-conhecimento das suas características e sintomas da TDAH para que possa se favorecer de tanta energia e vontade de viver.

3 INTEGRAÇÃO E INCLUSÃO

As terminologias: integração e inclusão têm significados distintos embora pareçam se referir ao mesmo conceito:

Em documento oficial da Secretaria de Estado da Educação (Paraná, 1998, p.8) colocou-se que o 'processo de INTEGRAÇÃO se traduz por uma estrutura que objetiva favorecer um ambiente de convívio o menos restritivo possível, oportunizando à pessoa portadora de necessidades educacionais especiais um processo dinâmico de participação em todos os níveis sociais'; por outro lado, 'a prática da INCLUSÃO propõe um novo modelo de interação social, no qual há uma revolução de valores e atitudes, que exige mudanças na estrutura da sociedade e da própria educação escolar'.³

A inclusão, portanto, requer uma revolução de paradigmas. Não significa apenas colocar pessoas 'diferentes' num lugar em que não costumavam estar, a classe regular. Significa não mais conceber as necessidades especiais como imutáveis ou incapacitantes. Significa, ademais, rever o papel da escola e conscientizá-la de que sua responsabilidade é educar a todos, sem discriminação. Logicamente, isso exige uma reviravolta estrutural na sociedade, como um todo.⁴

Portanto enquanto a integração se traduz na convivência sem restrições, com a participação mútua e respeito a inclusão pressupõe a mudança dos paradigmas existentes, não é apenas a convivência de pessoas diferentes no mesmo ambiente mas o atendimento das suas necessidades sem discriminação e com igualdade.

(...) a política de inclusão escolar, diferentemente da política de integração, que coloca o ônus da adaptação no aluno, implica em todo um remanejamento e reestruturação da dinâmica da escola para receber esses alunos especiais. Na escola inclusiva há um planejamento individualizado para cada aluno, que recebe, dentro de sua própria classe, os recursos e o suporte psicoeducacional necessário para seu desenvolvimento. Em termos simples, ao invés de o aluno ir à sala de recursos, a sala de recursos é que vai a ele, em sua classe regular.⁵

“Ocorre que os dois vocábulos – integração e inclusão – conquanto tenham significados semelhantes, estão sendo empregados para expressar

³ KAFROUNI, Roberta & PAN, Mirian Ap. G. de S. **A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais e os impasses frente à capacitação dos profissionais da educação básica: um estudo de caso.** In *InterAÇÃO*. Curitiba, 2001, 5, p. 35.

⁴ KAFROUNI, *op. cit.*, p. 36.

⁵ GLAT, Rosana. **Inclusão Total: Mais uma utopia?** In *Revista Integração*, Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial. Ano 8, n. 20, 1988, p. 28.

situações de inserção diferentes e têm por detrás de si posicionamentos divergentes para a consecução de suas metas.”⁶

A integração é uma preocupação humana, necessitando antes de mais nada, de respostas humanizadas que obviamente se refletem e refletirão no presente e no futuro de seres humanos. Seres humanos que, independentemente das suas condições e potenciais, têm direito às mesmas oportunidades de inserção, inclusão e realização psicossocial.⁷

Embora ambas constituam formas de inserção do portador de necessidades educacionais especiais, a prática da integração vem dos anos 60 e 70, e baseou-se no modelo médico/clínico da deficiência. Neste modelo os educandos portadores de necessidades educacionais especiais precisavam modificar-se (habilitar-se, reabilitar-se, educar-se) para tornarem-se aptos a satisfazerem os padrões aceitos no meio social, familiar, escolar, profissional, recreativo, ambiental.

A prática da inclusão vem da década de 80, porém consolidada nos anos 90, segue o modelo social da deficiência, segundo o qual a nossa tarefa consiste em modificar a sociedade para torná-la capaz de acolher todas as pessoas que apresente alguma diversidade, portanto estamos falando de uma sociedade de direitos para todos.

Com a integração há a possibilidade de aumentar a potencialidade das capacidades da criança hiperativa, alargando os seus processos de informação.

Com a inclusão, não serão apenas os alunos com diagnóstico de hiperatividade que se beneficiarão, mas sim todo os alunos.

Na escola inclusiva toda criança seja portadora de necessidades educacionais especiais ou de TDAH têm direito à escolarização que atenda às suas necessidades e estimule o seu aprendizado.

O que pode ser modificado para que a escola se torne mais inclusiva?

A capacitação dos professores, pedagogos e orientadores, juntamente com os outros profissionais que atuam na escola para que não se sintam inseguros ou incapazes de lecionar para os alunos com NEE e TDAH e atender às suas

⁶ MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão, ensino inclusivo/educação (de qualidade) para todos.** In Revista Integração, Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial. Ano 8, n. 20, 1988, p. 35.

⁷ FONSECA, *op. cit.*, p. 200-2001.

necessidades, gerando uma frustração no professor e a falta de confiança na sua capacidade como educador.

A escola também necessita de novos investimentos, para aprimoramento da didática dos professores e estímulo a participação dos alunos na aula, com novas tecnologias, novos materiais didáticos mais dinâmicos e criativos, que possam auxiliar o aprendizado não apenas dos alunos com NEE e TDAH, mas de todos os demais alunos da escola.

O apoio do Poder Público e repasse de recursos também é primordial para que a inclusão seja possível, este apoio pode ocorrer com a disponibilização de cursos de capacitação e especialização aos professores da rede regular de ensino com ênfase na educação para alunos com NEE.

São inúmeras as necessidades da escola e dos professores para que possam atender as necessidades dos alunos, sem o atendimento destas dificuldades enfrentadas na escola a inclusão não será aplicada com êxito, tornando a escola exclusiva e despreparada para atender a todos os alunos indiscriminadamente.

4 ORIENTADOR

A profissão de Orientador Educacional foi criada através da Lei nº 5.564 de 21 de dezembro de 1968 e regulamentada pelo decreto nº 72.846/73.

O profissional atua, principalmente na área educacional, onde auxilia o aluno nos aspectos sociais, individuais e profissionais, devendo verificar suas aptidões, habilidades, qualidades e identificar suas deficiências.

O papel do orientador na escola inclusiva frente ao aluno com diagnóstico de hiperatividade e com o professor deste aluno é essencial no processo de inclusão, para auxiliar tanto o professor quanto o aluno no processo inclusivo, com suas dificuldades e falta de recursos disponíveis na escola o orientador é o profissional que poderá fazer o elo entre o planejamento escolar e a aplicabilidade das políticas inclusivas.

O orientador irá preparar os professores e os alunos para que sejam derrubados os mitos e medos, auxiliando-os a enfrentar suas dificuldades e preparando-os para a inclusão com recursos educacionais inovadores e com modelos pedagógicos experimentais.

É importante que se tenha na escola pedagogos e orientadores, integrando o corpo docente na prevenção de problemas com alunos que possuem necessidades educacionais especiais e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, ainda na avaliação de alunos, métodos pedagógicos e que auxiliem o trabalho do professor, da escola e dos pais para facilitar a inclusão.

A integração deve ocorrer entre os pedagogos, orientadores e professores para que haja a inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais na classe comum, possibilitando a troca de informações e experiências enriquecendo as aulas e o comportamento do professor frente aos problemas e dificuldades.

Os orientadores que trabalham nesta estrutura escolar inclusiva, devem se organizar, para perpetuar a inclusão, possibilitar a manutenção da integração.

Seu trabalho também é o de orientar os professores no ensino a portadores de TDAH, quanto ao conteúdo pedagógico, como ensinar, como avaliar e

quais os objetivos a serem atingidos, estes fatores devem estar previamente estabelecidos para que o professor tenha segurança ao ensinar.

Esta orientação não irá suprir as deficiências do professor ou sua incapacidade, mas auxiliará o professor que encontra algumas dificuldades em por exemplo lidar com os alunos com diagnóstico de hiperatividade.

O orientador pode estudar algumas novas metodologias de ensino, novas formas de avaliação dos alunos com NEE e TDAH analisando cada caso individualmente, pois estes alunos não podem ser vistos como uma homogeneidade ou um grupo com as mesmas características e necessidades.

Na hiperatividade são observados sintomas diferentes para cada portador do transtorno, suas capacidades e potencialidades são diferentes assim como suas dificuldades escolares ou de relacionamento, portanto a metodologia de ensino e a forma de avaliação deve ser estudada individualmente.

Com esta organização, não há grandes conflitos decorrentes das possíveis incoerências entre o que se pensa e o que se faz. Haja visto que a função de um orientador, nesta estrutura, é trabalhar estes conflitos e resolvê-los de alguma forma para que o sistema possa continuar se sustentando. Quem não trabalha nesta direção pode ser excluído ou precisa readaptar-se.

É a estrutura escolar que deve se adaptar ao aluno com NEE e TDAH e não o aluno ao sistema educacional vigente.

Não se deve esperar que os professores eduquem e trabalhem com essas crianças sem ajuda. É necessário um diagnóstico adequado. Com vários alunos portadores de TDAH, uma parceria com médicos e psicólogos é crucial para permitir seu funcionamento na escola.

Os problemas sociais/comportamentais que os alunos com TDAH freqüentemente apresentam pedem orientação (na escola e, muitas vezes, particularmente).

O serviço de orientação da própria escola pode ajudar de várias maneiras este aluno com TDAH, como: na modificação do comportamento dos professores, a possibilidade de saída da sala ou uma atividade paralela, resolução de problemas, treinamento em hábitos sociais e técnicas de relaxamento, no controle da raiva e na volta ao estado normal para controlar a atividade motora e concentração dos alunos diagnosticados com TDAH.

É necessária a cooperação e o trabalho em conjunto com os pais e apoio e ajuda da administração educacional, pois são todos participantes do processo de inclusão.

Solicitar a ajuda e a experiência do seu grupo de apoio e do orientador é um passo para a inclusão escolar.

O estudo da melhor pedagogia e solução das dificuldades dos professores ao lecionar para a criança hiperativa também pode ser conduzida pela equipe pedagógica ou serviço de orientação da escola ou até mesmo do órgão responsável pela administração da educação pública.

Os membros da equipe ou o orientador poderão observar o aluno diagnosticado como hiperativo na sala de aula e em outros ambientes da escola, mas de forma que ele não se sinta estudado ou sendo analisado o que contribuiria para que se sentisse discriminado e diferente dos demais alunos, pois a observação realizada com este aluno também pode se estender aos demais que freqüentam a mesma sala de aula, até mesmo para o diagnóstico da hiperatividade e atendimento das necessidades educacionais de alunos que não são deficientes ou hiperativos mas tem dificuldade no aprendizado ou não estão se adaptando a escola, não se sentem motivados, etc.

O orientador também pode ser o elo de ligação entre o professor e o aluno e entre os pais e os professores.

Este orientador também pode compartilhar as preocupações e fornecer informações aos professores, que em muitos casos estão assoberbados de trabalho e com muitos alunos em uma mesma sala de aula e não tem tempo de prestar atenção naquele aluno hiperativo, propondo, ainda soluções criativas para as aulas e os problemas enfrentados pelos hiperativos, ou a utilização de algumas novas ou antigas metodologias de ensino mesmo que não em sua amplitude total mas em alguns momentos ou experiências na sala de aula.

O orientador também pode documentar alguns comportamentos do aluno até mesmo para um futuro diagnóstico de hiperatividade em conjunto com os professores ou realizando algumas reuniões com os educadores para discutir a inclusão destes alunos.

Enfim o orientador é o profissional que atua na escola com o objetivo de facilitar e direcionar o trabalho do professor e atender os alunos e verificar suas dificuldades.

Não se trata de um profissional “faz-tudo” mas sim um profissional de apoio que irá suprir algumas deficiências da escola, evitando dispersões e dirigindo os trabalhos para a consecução de um mesmo fim: o ensino com qualidade, atendendo a todos os alunos, indiscriminadamente, possibilitando a inclusão escolar, ao trabalho em conjunto, a reunião de esforços, a cooperação entre os educadores e o atendimento das necessidades educacionais de cada aluno individualmente.

Este profissional da educação é essencial para a qualidade de ensino e o trabalho em grupo e cooperativo dentro da escola.

5 AUXÍLIO DO ORIENTADOR AO PROFESSOR

Para que possa sair do plano imaginário, essa escola inclusiva exige condições muito especiais de recursos humanos, pedagógicos e até mesmo físicos de que não dispomos por este Brasil afora, nem nos grandes centros, e que, realisticamente, independem as boas intenções do MEC. Não teremos certamente, no futuro próximo, essa escola, a não ser em situações específicas de programas-modelo ou experimentais.⁸

Como já explicitando anteriormente o orientador pode ser aquele profissional que irá direcionar o trabalho do professor e da equipe pedagógica da escola.

A inclusão com a educação de qualidade significa a reavaliação dos papéis dos profissionais da educação, implicando em mudanças nos papéis desempenhados no sentido de identificar a função de cada profissional envolvido no processo de inclusão e como esses esforços serão reunidos posteriormente para que sejam analisados e resultem na melhoria do ensino, na inclusão dos alunos, na participação dos pais na escola, etc.

Nesse sentido é primordial que seja revisto o papel desempenhado pelo diretor e coordenador, no sentido de que ultrapasse o teor controlador, fiscalizador e burocrático de suas funções pelo trabalho de apoio, orientação do professor e de toda a comunidade escolar.

Também com a descentralização administrativa da escola e com participação de todos será possível uma maior autonomia pedagógica até mesmo para que os professores com o auxílio do orientador possam experimentar novas metodologias de ensino, verificando alguns resultados positivos observados com crianças com diagnóstico de hiperatividade, possibilitando até mesmo a cooperação entre diferentes escolas neste sentido.

O orientador não pode ficar confinado em uma sala analisando apenas papéis e burocracias, deve conhecer e participar da escola e do que está acontecendo dentro das salas de aula.

Dentro da escola, o orientador também pode ser aquele profissional que irá observar o trabalho dos professores e chamar sua atenção para a

⁸ GLAT, *op. cit.*, p. 28.

responsabilidade que possuem, principalmente com os alunos com NEE e TDAH, pois a forma que tratem estes alunos refletirá por toda sua vida, então que esta forma seja positiva, sem discriminação, apenas apontando as dificuldades ou frustrações dos professores, mas ressaltando as qualidades do aluno, suas potencialidades e o auxiliando a melhorar seu comportamento e conseqüentemente o rendimento escolar.

Não pode ser o fracasso da comunicação entre médicos, psicólogos, professores e assistentes sociais ou outros que justifica a marginalização da criança. A linguagem comum entre vários técnicos não pode ficar numa confidencialidade hierarquizada ou dominante entre uns e outros. A carência do diálogo científico não pode causar vítimas. É necessário trocar e investigar pontos de vista a fim de se proporcionar uma melhor compreensão das necessidades especiais de uma criança especial.⁹

Ainda o orientador pode ser o elo entre os professores, alunos, direção, pais e outros profissionais envolvidos, para que não se perca todo o trabalho de cada profissional individualmente e que este trabalho possa contribuir para os demais profissionais tendo como beneficiário o aluno hiperativo.

⁹ FONSECA, *op. cit.*, p. 195-196.

6 UNIÃO DE ESFORÇOS

Será estudado neste capítulo a importância da união de esforços entre todos os participantes do processo de inclusão escolar dos alunos portadores de NEE e TDAH.

Com esta união de esforços o aluno com certeza terá um melhor acompanhamento escolar, não apenas com a visão e experiência dos seus professores individualmente, mas com a visão, experiência, sugestões e conhecimentos de todos os professores, orientadores, pedagogos, diretores, etc., sempre buscando novas alternativas pedagógicas e adaptação do currículo escolar para suas necessidades e anseios.

A criação de uma rede de auto-ajuda com a colaboração e cooperação dos educadores: professores, diretores, pedagogos e orientadores trará benefícios para a inclusão.

Esta rede de auto-ajuda pode ser realizada através de reuniões periódicas entre os profissionais da escola, com temas pré-definidos e com espaço para que sejam ouvidas as queixas e experiências dos educadores, neste passo serão compartilhados novos conhecimentos, experiências de vida e escolares e os profissionais se sentirão mais apoiados e seguros para inovarem, serem criativos e atenderem bem seus alunos.

No caso de a criança não satisfazer as exigências das escolas regulares, então outros níveis devem surgir, como, por exemplo, a avaliação multidisciplinar ou o estudo longitudinal (*follow-up*), integrando sempre educadores e professores. Só mantendo uma coordenação destas ações se podem eliminar os tradicionais processos de tentativas e erros, baseados na espontaneidade e na arbitrariedade.¹⁰

O professor que trabalha sozinho terá maiores dificuldades em aplicar outras metodologias e ser criativo com o objetivo de aprimorar a aula e torná-la mais interessante para o aluno diagnosticado com TDAH, ficará sempre com o processo de tentativas e erros, enquanto que com o trabalho conjunto, com a troca de experiências, esse processo terá mais chances de obter êxito, pois estará baseado

¹⁰ FONSECA, *op. cit.*, p. 195.

em modelos que já obtiveram sucesso e não cometerá erros já identificados por outros profissionais.

As administrações educacionais têm uma grande responsabilidade para tornar possível a integração dos alunos com necessidades educacionais especiais. Devem, como passo inicial e fundamental, fixar a estrutura legal e os critérios que vão orientar as atuações dos diferentes serviços presentes no âmbito educacional: professores, diretores, inspetores, equipes psicopedagógicas, etc. Posteriormente, devem proporcionar os recursos e os meios para que a integração dos alunos com necessidades especiais na escola regular seja algo progressivamente mais habitual e geral.¹¹

Todo este trabalho será ineficiente caso não se tenha o apoio do Poder Público, no caso das escolas públicas regulares, pois sem os recursos e os profissionais especializados este trabalho em grupo não será possível, muitas escolas não contam com o auxílio de um orientador ou pedagogo, nem mesmo nos órgãos que administram a educação pública encontram auxílio, desta forma os professores não se sentirão motivados a desenvolver um trabalho em grupo de possibilidade a melhor qualidade do ensino e a inclusão escolar.

Nas palavras de GOLDSTEN (2001):

Os pais das crianças devem ser pacientes, persistentes e orgulhosos. Devem estar dispostos a ter paciência para instruir os professores sobre os distúrbios de atenção da infância e oferecer recursos, compreensão e apoio. Os pais das crianças hiperativas devem ser persistentes em seus esforços de ajudar seu filho a obter sucesso na escola. Devem aprender a transpor os obstáculos e assumir compromissos, além de reconhecer quais tipos de intervenção são possível de serem executadas pelos professores e pelos educadores especiais. Os pais devem estar dispostos a oferecer auxílio adicional na forma de sugestões para os programas de orientação comportamental que possam ser implementados na escola e seguidos em casa.

O apoio dos pais aos filhos com diagnóstico de hiperatividade também é muito importante, juntamente com o apoio dos professores e demais profissionais da escola.

Com o auxílio dos pais e a aplicação de persistência, cuidados, atenção, carinho, paciência, compreensão, os filhos irão transpor os obstáculos que surgirem em seu caminho.

¹¹ CESAR COLL, JESUS PALÁCIOS (org). **Desenvolvimento Psicológico e Educação. Necessidades Educativas Especiais.** trad. de Marcos A. G. Domingues, v. 3, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 22.

Para inclusão dos alunos com TDAH este apoio familiar é fundamental, pois em conjunto com o apoio escolar (dos professores, diretores, pedagogos, orientadores e demais alunos) se formará uma rede de cooperação e de pessoas engajadas para que a educação de qualidade alcance a todos os alunos, indiscriminadamente.

7 DIREITO DOS PORTADORES DE NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

Existem diversas leis e tratados internacionais sobre a educação especial, o atendimento das necessidades educacionais especiais na escola regular, a inclusão, etc., mas estas legislações são aplicadas?

Na Declaração Universal dos Direitos do Homem em seu artigo 26 está previsto que “Todos têm direito à educação”.

Mas todos têm acesso à educação de qualidade?

Dentre este “Todos” estão os alunos com diagnóstico de hiperatividade, suas necessidades educacionais não são difíceis de serem atendidas e nem é necessário que o professor seja especializado, mas que tenha paciência, boa vontade, carinho e dedicação.

A toda criança é garantido o direito fundamental à educação, com oportunidade para atingir e manter o nível adequado de aprendizagem, mas as escolas públicas não conseguem educar eficazmente os alunos ditos “normais” quem dirá os alunos com hiperatividade ou outras necessidades educacionais especiais, faltam recursos financeiros, faltam materiais didáticos, estrutura na escola, espaço físico, recursos para a formação continuada do professor, deficiência na formação do professor já na sua graduação, etc.

Estas crianças possuem características, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas, mas na escola atual são vistas como um conjunto que deve atender as expectativas dos professores e não o inverso.

Para que as legislações saiam do papel e possam ser aplicadas na escola é necessária a criação de programas educacionais que deveriam ser implementados levando-se em conta à vasta diversidade das características e sintomas dos alunos hiperativos e dos “normais”, para o correto atendimento de suas necessidades.

Ainda, a escola comum deveria ter um projeto pedagógico de inclusão para acolher os alunos com necessidades educacionais especiais e também os diagnosticados com hiperatividade, pois sem esta direção para o seu trabalho pode-

se ficar apenas com o processo de tentativa e erro, tentativa e acerto, o que atrasaria ainda mais a inclusão.

O Poder Público, a iniciativa privada, o apoio de voluntários, ONG's e outras pessoas e instituições, poderia-se viabilizar a inclusão e a preparação da escola para todos, pois sem este auxílio, tanto financeiro, material e de mão-de-obra, vigerá a exclusão e o preconceito no ambiente escolar.

Foi grande o avanço legislativo na educação para os portadores de necessidades educacionais especiais como a Declaração de Salamanca de 1994 quando menciona a educação inclusiva, orienta que esta inclusão deve ser responsável, isto é, a educação inclusiva deve levar em consideração a adaptação tanto pedagógica como social de forma gradativa, contínua, sistemática e planejada de alunos com necessidades educacionais especiais.

A Declaração ainda reconhece a necessidade e urgência da adaptação da escola para a educação das crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino.

O Estatuto da Criança e do Adolescente resguarda e protege os direitos da criança e do adolescente, quanto a sua dignidade, sendo uma ofensa a estes direitos que a escola comum não possa atendê-la com eficiência caso seja portadora de necessidades educacionais especiais ou de TDAH, pois esta escola possivelmente não estará preparada para atender suas necessidades e propiciar a inclusão escolar.

O artigo 205 da Constituição Federal de 1988 assim prescreve

“A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Portanto a educação é direito de todos e o Estado deve fornecer os meios necessários para que a escola prepare o aluno para o exercício da cidadania e sua qualificação para o mercado de trabalho.

Pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional na escola regular deve existir a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais dentro sendo que para tanto os professores devem ter subsídios adquiridos através de capacitação específica, ocorre que estes professores só conseguem tal capacitação com sua própria iniciativa e recursos pois o Poder Público não disponibiliza para

todos os professores o acesso a formação continuada a fim de que seja instruído para atender as necessidades educacionais especiais dos alunos que freqüentam a escola comum.

Em que pese existirem diversos diplomas legais que versem sobre a educação para todos, a inclusão de alunos com NEE na escola regular, esta prática ainda é uma utopia.

8 NOVAS TECNOLOGIAS E SUA IMPORTANCIA PARA O ALUNO COM NEE

A sociedade atual vive uma época onde os avanços tecnológicos estão na vida de praticamente todas as pessoas, entre estes avanços estão: a televisão, a transmissão ao vivo de informações vindas de outro continente, o computador, a internet, a rapidez dos transportes, enfim o acesso à comodidade e informações muito amplo, dinâmico e interessante.

As crianças estão convivendo desde a sua tenra idade com jogos eletrônicos, acesso a informação do mundo todo, computadores, internet, enfim, muitas vezes dominando o uso destes equipamentos com melhor eficiência do que os adultos, pois são máquinas muito estimulantes, inovadoras, que possibilitam a comunicação instantânea com qualquer pessoa que também esteja conectada a internet.

Enquanto o mundo se beneficiou destas novas tecnologias a escola pública continuou obsoleta e estagnada, diz-se escola pública, porque a escola particular já se adequou a estes novos tempos, por exemplo, em uma sala de aula de uma escola particular o professor dispõe de um monitor de tv onde pode passar vídeos para os alunos sobre o tema da aula, pode fazer apresentações (ao invés de escrever no quadro negro) através do computador (com o recurso de slides do programa *Power Point*), pode mostrar fotos, gravuras ou outras imagens sobre um assunto desenvolvido na aula, entre outros inúmeros recursos.

Por exemplo, em uma aula de Geografia o professor poderá mostrar imagens do país estudado, das suas formações rochosas, de seus picos, montanhas e clima, das características étnicas de seus habitantes, bem como costumes e modo de vida, facilitando que o aluno armazene estas informações e compreenda os conhecimentos que estão sendo transmitidos.

Algumas escolas públicas possuem estes materiais, mas não possui recursos técnicos para utiliza-los, os professores não são instruídos para seu melhor aproveitamento entre outras dificuldades observadas.

Quando a escola possui um laboratório de informática, este conta com apenas alguns computadores e muitas vezes não possui um professor que possa

ensinar informática aos alunos, ou são poucos os que terão acesso a este aprendizado devido ao escasso número de equipamentos e técnico da área.

O investimento na capacitação do professor para utilização destas tecnologias bem como o fornecimento destes materiais para a escola pública comum é um dever do Estado, mas a iniciativa privada também pode contribuir e assim os alunos serão beneficiados, pois as aulas serão mais criativas, dinâmicas, instrutivas e eficientes.

Para o aluno diagnosticado como hiperativo o uso destas tecnologias na sala de aula ajudaria a manter sua concentração, pelos estímulos que geraria e interação.

Atualmente as crianças já nascem num mundo informatizado onde tudo se clica, a informação pode ser obtida de uma forma imediata e eficiente, influenciando no seu cotidiano familiar e escolar.

A escola mesmo sendo pública não pode ignorar o que se passa no mundo, a existência de novos métodos para o ensino, a utilização de outros meios para ensinar.

A escola deve interagir com estas tecnologias e com o que ocorre no mundo, mas infelizmente um conjunto de circunstâncias fazem com que esta interação e este acesso a tecnologias inovadoras no ensino não seja possível.

A escola atual está baseada na padronização massificada, onde as informações são repassadas aos alunos pela memorização e não pelo conhecimento, conscientização e experiência.

Atualmente os profissionais de qualquer área após concluírem a sua graduação não estão totalmente aptos para exercer sua profissão e não detem todo o conhecimento sobre sua especialidade, pois o mundo está em constante mutação e transformação, o médico tem a sua disposição inúmeros equipamentos novos, medicamentos que curam o que antes não era curado, inovações sobre doenças que antes não se conhecia, enfim mudanças que são observadas quase que diariamente e se este profissional não se mantiver atualizado seus pacientes serão prejudicados.

Da mesma forma o advogado deve estar atento às inúmeras inovações legislativas, decisões judiciais que formam jurisprudências (decisões repetidas que são utilizadas no julgamento de outras ações semelhantes) enfim, constantes

mudanças que deverão ser analisadas diariamente para que o profissional obtenha sucesso em sua profissão.

Igualmente o professor também deve se atualizar, adquirir novos conhecimentos, estar em contato com as tecnologias existentes, mas não se verifica isto na sala de aula, as aulas continuam as mesmas de vinte anos atrás, fora algumas exceções com a iniciativa de novos professores que estão conscientes de sua importância e com outras metodologias de ensino. Mas na maioria dos casos não se verifica esta atualização e adaptação do ensino.

Os conhecimentos adquiridos na formação de um profissional antigamente eram válidos por toda a sua vida, mas isto mudou, os professores podem ter acesso a televisão que sempre noticia novos sucessos obtidos em escolas mesmo que localizadas em outro país ou mesmo no Brasil, onde a inclusão foi efetivada e obteve sucesso, porque não trocar informações e experiências com esta escola? Que pode ocorrer pela internet, com uma vídeo-conferência com os professores da escola inclusiva e da escola que deseja se tornar inclusiva.

Faltam equipamentos ou iniciativa e boa vontade dos educadores?

Faltam os dois, tanto os equipamentos quanto a vontade dos educadores, o Estado não fornece estes meios de interação e os professores estão desestimulados, são mal remunerados, não tem apoio da escola, dos pais, os alunos não estão cooperando para o bom desenvolvimento da aula, enfim, é uma “bola de neve” que só prejudicará a educação.

Por exemplo, o professor desmotivado, desvalorizado e sem apoio e o aluno diagnosticado com hiperatividade, que também não tem apoio em casa, seus pais não compreendem suas dificuldades, e o professor o taxa como sendo um aluno desleixado, incompetente e indisciplinado, como pode haver uma relação harmoniosa, de atenção, carinho e cuidados especiais entre estas duas pessoas (professor e aluno)?

A transformação tem que ocorrer de dentro pra fora, isto é, da própria forma de pensar do professor, de entender o aluno hiperativo, de conhecer suas dificuldades e potencialidades, de compreender o porquê de agir desta ou daquela maneira, e também do aluno, desde sua criação familiar, com a compreensão das suas dificuldades e dos seus anseios até da sua própria conscientização quanto aos sintomas do TDAH e de que necessita também entender que o professor deve ser respeitado assim como os outros alunos.

Assim a mudança de fora agora é possível, entende-se por fora como sendo a escola, os outros alunos, pais e a sociedade.

O ensino através da memorização é obsoleto e não terá mais sucesso na época atual, as informações são efêmeras, ficam defasadas com rapidez, superadas, inúteis, com as novas descobertas científicas realizadas pelo mundo afora e que levam a novas descobertas e assim por diante.

Tendo em vista tais modificações constantes torna-se ineficaz o acúmulo de conhecimento pela memorização, claro que determinados conhecimentos terão que ser memorizados, mas o aluno também pode compreender a matéria e assim memorizá-la não decorando, mas entendendo.

Esta nova perspectiva busca que o aluno seja crítico utilize a reflexão e depuração para atingir níveis maiores no seu desenvolvimento, sendo capaz de adquirir um auto-conhecimento e criar seus próprios conceitos a partir dos que lhe foram transmitidos.

As novas tecnologias, dependendo da forma como sejam utilizadas, podem ajudar a gerar as mudanças necessárias na Educação e a construir um aluno autônomo e eficaz no seu processo de aprendizado.

A escola não pode ficar a margem destas inovações tecnológicas pois já fazem parte da nossa cultura cotidiana e estão inseridas nas atividades profissionais, de lazer, etc., e também devem estar presentes na escola.

Mas essa utilização das novas tecnologias na Educação deve apontar para a formação de um indivíduo capaz de pensar por si próprio e produzir conhecimento. Essas tecnologias devem ser vistas como ferramentas que estimulem o indivíduo a pensar de forma independente, a pensar sobre sua forma de pensar e a aprender a aprender.

O erro, seja do aluno ou do professor, deve deixar de ser algo a ser punido ou uma vergonha, mas sim um momento de reavaliação dos fatores que induziram ao erro.

Existem programas de computador que auxiliam o aluno na matemática, na leitura, na escrita correta, entre outros, estes programas podem ser utilizados até mesmo como um reforço escolar.

Até mesmo no lazer estes equipamentos, como a informática, auxiliam o desenvolvimento do aluno, por exemplo, o aluno ao conversar ou outra pessoa pela internet, através de algum programa ou em salas de bate-papo ele está exercitando

a escrita, mesmo que use abreviações ou termos próprios para este tipo de conversação, mas estará escrevendo, exercício este, que irá contribuir para o desenvolvimento da escrita, melhorar seu vocabulário, gramática e desenvolvimento de um texto.

Outra sugestão é que os alunos auxiliem na criação de páginas na internet, que pode ser até o *site* oficial da escola, produzindo textos que serão publicados na rede, desenhos, fotos, sugerindo a forma deste *site*, o conteúdo, os aplicativos, etc.

Esta atividade propicia uma melhor interação entre alunos e escola, sendo que os alunos se sentirão mais participativos e que suas idéias e sugestões são consideradas e importantes.

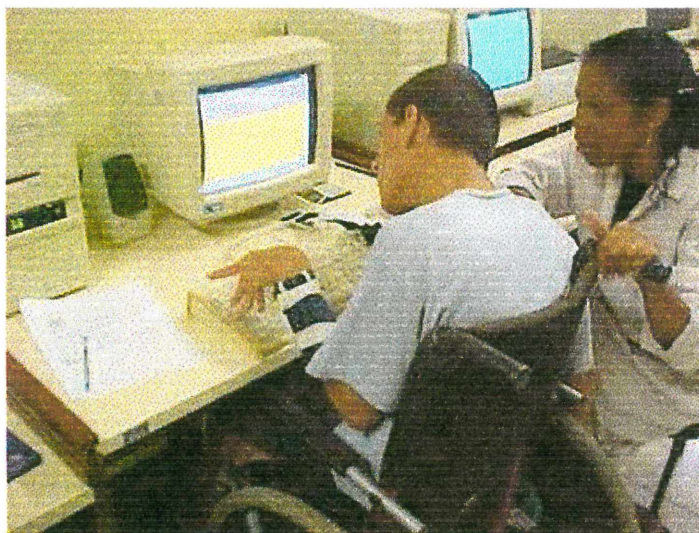
O nível de complexidade destas atividades pode variar de acordo com os conhecimentos e idade dos alunos para que todos possam colaborar.

Assim, alunos e professores estarão engajados numa nova relação de cooperação, interação e intercâmbio.

A internet também é uma porta para a cooperação entre as escolas que podem se comunicar através da rede, trocar experiências de sucesso e fracasso, interagir e criar trabalhos em grupo.

A informática trará benefícios no sentido de proporcionar uma maior motivação e entusiasmo dos alunos com as atividades educacionais, aumento de interação e desenvolvimento do raciocínio lógico-dedutivo.

Os computadores também poderão ser utilizados para a educação de alunos com necessidades especiais com limitações físicas ou sensoriais.



Fonte: Disponível em <http://infoesp.vilabol.uol.com.br/programa.htm>



Fonte: Disponível em <http://infoesp.vilabol.uol.com.br/recursos/recurso2.htm> acesso em 19.10.04.

Na figura acima o aluno está utilizando um estabilizador de punho e abductor de polegar com ponteira para digitação para que possa digitar no teclado.

Nesses casos as novas tecnologias podem ser utilizadas também como sistemas auxiliares ou próteses para a comunicação.

Em muitos casos o uso dessas tecnologias tem se constituído na única maneira pela qual diversas pessoas podem comunicar-se com o mundo exterior, podendo explicitar seus desejos e pensamentos.

9 CONCLUSÃO

A hiperatividade ou Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH é um transtorno que acomete entre 3% e 5% dos alunos em idade escolar, estas crianças possuem alguns sintomas que são bem característicos como: hiperatividade, impulsividade e agitação motora.

Existem também outros sintomas secundários mas que não deixam de ser relevantes e influenciar no aprendizado do aluno, como a falta de concentração, a indisciplina por não conseguir seguir regras básicas de convivência e comportamentais, necessidade constante em falar, falta de paciência, irritabilidade, pode apresentar comportamento voluntarioso, etc.

Estes sintomas podem ou não estar presentes como também uma criança normal pode apresentá-los e não ser hiperativa, para que o TDAH seja diagnosticado corretamente é necessário que vários profissionais atuem em conjunto: o professor, anotando o comportamento do aluno na sala de aula; os pais informando o comportamento da criança em casa; o médico e o psicólogo, ouvindo os relatos dos pais e professores, analisando o estado clínico da criança e fazendo o diagnóstico.

É imprescindível que o professor mesmo com todas as dificuldades que enfrenta conheça o transtorno e todas as suas implicações e efeitos na escola, lhe conferindo a devida atenção e importância, pois nem sempre os sintomas são passíveis de controle e qualquer discriminação ou rotulação é prejudicial para sua auto-estima e desenvolvimento educacional.

Estas crianças são muitas vezes mais inteligentes do que a média mas suas dificuldades em concentrar-se e resolver as atividades propostas em aula, bem como prestar atenção à aula, lhe trazem prejuízos, na assimilação da matéria e na obtenção do resultado esperado.

Este transtorno persiste por toda a vida da criança portanto deve ser diagnosticado precocemente para que seus sintomas possam, com o tempo e o tratamento correto, ser minimizado e controlado, se possível, para que esta criança não esteja tão suscetível aos vícios e depressão como estão os adultos hiperativos que não foram corretamente tratados e educados (no sentido de conhecer o

transtorno, entender o porquê de suas reações e não serem rotulados como indisciplinados, desleixados, etc.).

Embora a inclusão e a integração tenham conceitos diferentes sua aplicação é semelhante.

Enquanto a integração se traduz por uma estrutura que objetiva favorecer um ambiente de convívio o menos restritivo possível, a inclusão não é apenas colocar pessoas “diferentes” num lugar em que não costumavam estar, a classe regular, significando não mais conceber as necessidades especiais como imutáveis ou incapacitantes.

Também diferem pois a integração pressupõe que o aluno se adapte à escola enquanto a inclusão propõe a adaptação da escola, currículo, professores, pedagogia, metodologia de ensino e estrutura às necessidades educacionais especiais do aluno.

Ocorre que diversas vezes estes vocábulos são utilizados para o mesmo fim, a inserção do aluno com NEE na escola comum, não apenas colocando ele na sala de aula, mas viabilizando as suas necessidades educacionais.

Não basta que existam legislações que mencionem a importância da inclusão na escola regular, de alunos com NEE, mas não estipulem de onde virão os recursos para esta inclusão, o que deverá ser alterado na escola para que ela se torne inclusiva, a quem o professor e profissionais da educação poderão buscar informações e apoio?

Estas questões devem ser analisadas e discutidas pela sociedade e ser também cobrado do Poder Público que tome providências neste sentido.

O conhecimento do problema, como no caso da hiperatividade também pode auxiliar no processo de inclusão e pleno desenvolvimento das potencialidades do aluno, o TDAH não compromete a inteligência e poder de realização de um aluno, mas a conscientização desde cedo deste transtorno pode lhe propiciar a capacidade de lidar com seus sintomas e utilizá-los a seu favor.

O orientador é um educador que trabalha na escola, mas não leciona, sua função consiste no auxílio ao aluno nos aspectos sociais, individuais e profissionais, devendo verificar suas aptidões, habilidades, qualidades e identificar suas deficiências.

Este profissional também pode atuar junto aos professores e a equipe pedagógica como um direcionador das atividades escolares, auxiliando o professor

com uma visão de fora da sala de aula sobre seus problemas e dificuldades ao lecionar.

Os professores possuem, em sua maioria, dificuldades para lecionar e conviver com alunos hiperativos na sala de aula, tendo em vista sua constante agitação e desconcentração, fazendo com que o professor se sinta incapaz de ensinar e “dominar” este comportamento que é um dos sintomas mais comuns da hiperatividade.

O orientador pode fornecer informações aos professores sobre a melhor forma de lidar com suas dificuldades e até mesmo propiciar a união dos professores, a troca de conhecimentos e experiências, o que pode ocorrer com a realização de reuniões pedagógicas periódicas, para a discussão dos problemas observados dentro da sala de aula e para que o orientador sirva como uma ponte entre os professores e os alunos, repassando aos professores as queixas dos alunos e suas dificuldades, estudando também novas metodologias de ensino que se adaptariam bem para determinado aluno.

O papel do orientador não é o de controlador, fiscalizador e burocrático de suas funções pelo trabalho de apoio, mas sim a orientação do professor e de toda a comunidade escolar.

A união de esforços entre os educadores, pais e alunos tornará o processo inclusivo viável, pois ele será debatido e analisado por um grande grupo de pessoas e profissionais que juntos poderão elaborar uma estratégia eficiente para que seus filhos e alunos possam conviver harmoniosamente e desenvolver plenamente sua capacidade de aprender e ensinar.

Enquanto o professor estiver solitário na tarefa de educar e proporcionar a inclusão, como deseja o Poder Público, sem apoio, recursos e união, a exclusão imperará na escola pública regular.

Somente o trabalho coletivo e engajamento dos educadores fará com que as dificuldades sejam minimizadas, os preconceitos sejam derrubados e a escola esteja preparada para receber alunos com NEE ou mesmo alunos com TDAH.

São várias as leis, decretos, tratados e declarações internacionais que ressaltam a importância da educação inclusiva, a educação do aluno com NEE na escola comum e os benefícios desta nova realidade, mas não destinam recursos para que a inclusão seja possível, não prevê a capacitação dos professores da escola comum, nem que o Poder Público deva disponibilizar aos professores cursos

e especializações para que os alunos com NEE tenham suas necessidades educacionais especiais atendidas na escola comum, com professores comuns, sem uma formação especializada nos diversos tipos de deficiência ou apenas dificuldades no aprendizado e até mesmo o TDAH.

Estas leis passam a ser utópicas enquanto não são realistas e não são possíveis de serem aplicadas no cotidiano das escolas públicas.

As novas tecnologias podem auxiliar o professor a trabalhar com as dificuldades de aprendizado, a falta de interesse dos alunos hiperativos, a desmotivação, ou inabilidade de alguns educadores.

Estas tecnologias enriquecerão de forma significativa as aulas e conseqüentemente o processo de inclusão, mas se não forem utilizadas corretamente poderão gerar uma maior passividade e dependência dos alunos, o que traria novamente a exclusão para o ambiente escolar.

Por exemplo, o computador não deve ser utilizado apenas como uma máquina de ensinar ou suprir a inadabilidade do educador, valorizando apenas a memorização e continuando com a mesma metodologia de ensino massificada e tradicional.

Os alunos não podem ser um agente passivo frente a estas tecnologias, a educação deve estimular a autonomia, transformando o aluno passivo em ativo, em realizador de idéias e criativo diante das dificuldades e das tarefas que lhe são propostas.

As características que devem ser ressaltadas no aluno com o uso de tecnologias novas na sala de aula são: seu senso crítico, pensamento hipotético e dedutivo, autonomia, criatividade, leitura, interpretação e comunicabilidade.

A exclusão também está presente quando o acesso a estas tecnologias é restrito a poucos alunos ou nem mesmo é disponibilizado, pela falta de recursos a serem repassados pelo Poder Público ou pela falta de iniciativa de empresas privadas.

Cabe aos professores com o auxílio do educador apossar-se das novas tecnologias para o aprimoramento do ensino com aulas mais ilustradas e dinâmicas mudando o paradigma atual.

Ainda, a figura do orientador é fundamental na elaboração do projeto pedagógico da escola, pois este profissional está em constante contato tanto com professores quanto com alunos e os pais destes alunos, conhece as dificuldades de

todos eles, bem como as deficiências da própria escola, portanto pode reunir, as dificuldades em busca de soluções que possam tornar a escola mais eficiente e principalmente inclusiva.

O professor deve ser estimulado para participar do processo de ensino e aprendizagem, assim como o aluno, se tornando sujeitos ativos e autônomos, até mesmo como uma equipe que busca o mesmo fim, a educação.

Para tanto é necessário o respeito, saber ouvir e calar, externar suas angústias e medos, buscar alternativas para os modelos padronizados para que se tornem eficientes para cada indivíduo com suas características, dificuldades e capacidades próprias.

REFERÊNCIAS

Apostila do Curso de Capacitação em Inclusão. 2003.

AMBROSETTI, N. B. O “eu” e o “nós”, trabalhando com a diversidade em sala de aula. In ANDRÉ, M. (org.) *Pedagogia das diferenças na sala de aula*, Campinas: Papirus, 1999.

BARROS, J. M. G. **Jogo Infantil e Hiperatividade**. Rio de Janeiro: Editora Sprint Ltda, 2002.

BARNARD, Kathryn E. **Como educar crianças com problemas de desenvolvimento**. Porto Alegre: Globo, 1978.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **O processo de integração escolar dos alunos portadores de necessidades educativas especiais no sistema educacional brasileiro**. Séries diretrizes nº 11. Brasília: Secretaria de Educação Especial (SEESP), 1995.

BUENO, José Geraldo Silveira. **Educação Especial Brasileira. Integração/Segregação do aluno diferente**. São Paulo: Editora PUC/SP.

CARMO, Apolônio A. do. **Inclusão escolar: roupa nova em corpo velho**. Revista INTEGRAÇÃO, Brasília, MEC, ano 13, n. 23, 2001.

CEDES, **Educação Especial**. São Paulo: Cortez, caderno nº 23, 1989.

CEDES. **O Sucesso escolar: um desafio pedagógico**. São Paulo: Cortez, 1992, caderno nº 28.

CESAR COLL, JESUS PALÁCIOS (org). **Desenvolvimento Psicológico e Educação. Necessidades Educativas Especiais**. trad. de Marcos A. G. Domingues, v. 3, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CYSPEL, Saul. **A criança com Déficit de Atenção e Hiperatividade**. São Paulo: Lemos, 2000.

CROCHIK, José Leon. **Aspectos que permitem a segregação na escola pública.** *In* Educação Especial em Debate. Adriana Marcontes Machado [et. al]. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1997.

FERNÁNDEZ, Alicia. **Os idiomas do aprendente: análise de modalidade ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação.** Trad. Neusa Hickel e Regina Orgler Sordi. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FERREIRA, I. N. **Caminhos do aprender: Uma alternativa Educacional Para Criança Portadora de Deficiência Mental.** Brasília: CORDE, 1993.

GLAT, Rosana. **Inclusão total: mais uma utopia?** *In* Revista Integração, Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 8 nº 20, 1998.

FONSECA, Vítor da. **Educação Especial – Programa de estimulação precoce.** Porto Alegre/RS: Artmed Editora S.A., 2002.

GLAT, Rosana. **Inclusão Total: Mais uma utopia?** *In* Revista Integração, Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial. Ano 8, n. 20, 1988.

GOLDSTEIN, Sam. e GOLDSTEIN, Michel. **Hiperatividade: como desenvolver a capacidade de atenção da criança.** Trad. de Maria Celeste Marcondes. 7. ed. Campinas/SP: Papirus, 2001.

KAFROUNI, Roberta & PAN, Mirian Ap. G. de S. **A inclusão de alunos com necessidades educativas especiais e os impasses frente à capacitação dos profissionais da educação básica: um estudo de caso.** *In* InterAÇÃO. Curitiba, 2001, 5,

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. **Reforma do estado e educação especial: preliminares para uma análise.** *In* Revista de Educação PUC-Campinas, Educação Especial. Campinas, n. 11, Novembro de 2001.

MACEDO, Lino de. **Competência relacionai e situação-problema: elementos para uma reflexão pedagógica.** Manuscrito não publicado. São Paulo: Instituto de Psicologia, USP, 1999.

_____ **Fundamentos para uma educação inclusiva.** *In* Psicologia da Educação: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. n. 1. São Paulo: EDUC, dez., 1995.

MACHADO, Adriana Marcondes. **Educação Especial em debate**. São Paulo: Casa do Psicólogo: CRP-6, Região, 1997.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão, Ensino inclusivo/educação (de qualidade) para todos**. *In* Revista Integração, Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, Ano 8, nº 20, 1998.

MANZINI, Eduardo José (org.). **Educação Especial: temas atuais**. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2000.

MATTOS, Paulo. **No mundo da lua: Perguntas e respostas sobre transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos**. 4. ed. São Paulo: Lemos Editorial, 2004.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Trabalho Docente e Formação de professores de educação especial**. São Paulo: EPU. 1993.

MORAES, Mônica Martinez de. **Uma possibilidade de escola para todos: a formação continuada de professores em educação especial**. *In* Revista de Educação PUC-Campinas, Educação Especial. Campinas, n. 11, Novembro de 2001.

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso (*et. al.*). **A história não contada dos distúrbios de aprendizagem**. *In*: CEDES, O Fracasso escolar um desafio pedagógico. São Paulo: Cortez, caderno nº 28.

MRECH, Leny Magalhães. **O que é educação inclusiva?** *In* Revista Integração, Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 8 nº 20, 1998.

OLIVEIRA, Anna Augusta S. de. & LEITE, Lúcia P. **Escola inclusiva e as necessidades educacionais especiais**. *in* Educação Especial: temas atuais. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2000.

PAN, Mirian. **Psicopedagogia**. *In* IX Encontro Paranaense de Psicologia, Anais, 1997.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

PEREIRA, Olívia. **Educação especial: atuais desafios**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

PIRES, José e Gláucia N. da Luz Pires. **A integração escolar de crianças portadoras de necessidades especiais na classe regular: implicações legais e compromisso social**. *In* Revista Integração, Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 8 nº 20, 1998.

ROHDE LA, BENCZK E. **Transtorno de déficit de atenção / hiperatividade. O que é? Como ajudar?** 1999.

SANTOS, Mônica Pereira dos. **Educação Inclusiva**. *In* Revista Integração, Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 10 nº 22, 2000.

TANAMACHI, Elenita de Rício & ROCHA, Marisa Lopes da, & PROENÇA, Marilene (orgs.). **Educação em tempos de tédio: um desafio à micropolítica**. *In* Psicologia e Educação: desafios teórico-práticos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

TITTON, Adriana [et. Al.]. **Da educação especial à integração: um caminho a ser conquistado**. Anais do Evento de Extensão "A escola frente às necessidades educativas especiais". Curitiba: UFPR, trabalho orientado pela Professora Mirian Pan em Psicologia do Excepcional da UFPR, 1997.

TOPCZEWISKI. **A hiperatividade: Como lidar?** São Paulo: Casa do psicólogo. Cortez, 1999.

ZIRALDO. **O Menino Maluquinho**. Disponível em <http://www.omeninomalquinho.com.br/online/> Acesso em 19.10.04.

Constituição Federal de 1988 - Educação Especial

Lei nº 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN

Lei nº 9394/96 – LDBN - Educação Especial

Lei nº 8069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente - Educação Especial

Plano Nacional de Educação - Educação Especial

Decreto nº 2.208/97 - Regulamenta Lei 9.394 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional

Decreto nº 914/93 - Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência

Carta para o Terceiro Milênio

Declaração de Salamanca - Salamanca, Espanha - Princípios, Políticas e Prática em Educação Especial - 1994 - criação e manutenção de sistemas educacionais inclusivos.

Declaração Internacional de Montreal sobre Inclusão

Declaração Mundial de Educação para Todos - UNICEF - Jon Tien, Tailândia - 1990.